



Mesa *Transitando incertezas*

O silêncio é uma avalanche

Por Alejandro Beltrán

No título da mesa a que eu estou sendo convocado, há uma contradição que ilumina o tempo presente. Será que pode haver uma tendência na incerteza? talvez se tratasse de dotar de esperança o desastre presente? Mas, o desmoronamento do que nós damos por certo supõe que a sua própria inclinação seja a destruição de seus fundamentos. Isto me leva, então, a pensar sobre as bases da certeza, do ponto de vista psicanalítico, e as correlações da incerteza com o inimaginado.

As associações que, desde março deste ano, se repetem em quase todas as sessões ao longo de meus dias de trabalho, apontam para a vinculação da pandemia com eventos traumáticos ocorridos, seja na vida histórica, ou no universo das fantasias diurnas ou oníricas. E aqui eu me enfrento com uma interdição que os organizadores impuseram aos colaboradores, e que eu não posso mais do que vivê-la como uma ameaça à minha identidadepsicanalítica: não falar de um caso clínico. Esta proibição é similar à castração que dá sentido ao meu trabalho. Poderei aludir ao clínico, sem que o censor suprima o parágrafo? E esta argumentação me lembra a comparação que Freud faz do censor governamental com a censura onírica. Qual será a natureza de um texto psicanalítico que não pode falar de um caso clínico? Se para o censor o silêncio é saúde, paz que evita conflitos, o resultado é diferente: o silêncio é avalanche, citando um cartaz do Movimento Petrushaus; isto é, o silêncio é o hiato antes do colapso irrefreável daquilo que se pensava tão sólido quanto uma montanha, que de repente se precipita diante do sujeito paralisado. Diante do pedido de silêncio da instituição psicanalítica, daquilo que nos dá sentido, o material clínico é a arte, como o trabalho de Ale Giorgga com os cartazes do Movimento Petrushaus, o eixo que talvez permita continuar pensando.

1. Poderei falar dos meus próprios pesadelos, sem despertar melindres que invoquem a tesoura? Em uma noite de junho, depois de todo um dia de ouvir dos analisandos



- sobre o sufoco do confinamento e o horror do cotidiano, eu sonhei com uma paisagem crivada de baionetas, homens abraçados que estavam penetrados por uma infinidade de flechas, cavalos enfurecidos percorriam a cena. Acordei naturalmente sobressaltado, mas com a desconcertante certeza de que essa imagem me era familiar. E essa relação teve um singular efeito tranquilizador. Aquí, nós temos as primeiras vinculações entre palavras significativas: a certeza provém do que é familiar, e o familiar tem, mesmo em suas arestas dissonantes, um ar calmo. No caminho das associações, lembrei onde eu tinha visto uma imagem semelhante ao meu pesadelo: na série *Os Teules*, de Orozco. Nessa série, parte de um trabalho que Orozco realizou para refletir sobre o enfrentamento entre espanhóis e indígenas durante a Conquista, vemos os adversários em um abraço mortal. Uma estranha compulsão se aninha em boa parte da arte mexicana: procurar a identidade no trauma: o trauma da Conquista, o trauma da dominação violenta no vicerreinado, o trauma da Revolução, o trauma da violência de classe... Irrupção de alguma coisa, talvez proveniente de um mundo tão alheio, tão fora do que se espera como aceitável, normal e natural, que rompe o tecido que sustenta o mundo; a alteridade como germe do traumático.
2. Os indígenas chamavam os espanhóis de “teules”, deuses, não por uma inocência selvagem, mas porque provinham de um exterior tão radical que escapava de tudo aquilo que era esperável, era a anunciação de um novo paradigma, a fundação de um novo *mundo da vida*, que supunha a destruição dos fundamentos da certeza. O *certo* supõe um jogo, onde o externo e o interno se sustentam em uma possível ação comunicativa. O inconsciente não anula, mas amplifica esta ideia: o conhecimento paranóico é um passo indispensável para sustentar uma afirmação, e o fato de que ela se sustente no social supõe que o indivíduo está sujeito a uma ficção compartilhada com o outro.
 3. A clínica constata que aquilo que chamamos identidade é uma ficção. Tal narrativa tem efeitos estruturantes enquanto convoca, no aspecto individual, os consensos sociais, ou fundamenta o social a partir da aspiração do indivíduo; depende do lado da *dobra* em que se pense. *Dobra* enquanto fronteira entre o interno e o externo, em que o *dublê* constituído por aquilo que é *estranho*, habita um cenário *alheio* ao *familiar*. É significativo que Freud sustentasse que a estética é o estudo do belo, e que



- o vínculo da psicanálise com aquela radicasse no *ominoso*. O *familiar*, uma das acepções de *unheimliche*, seria um estado do belo, não – forçosamente - em termos da harmonia e equilíbrio das proporções, mas como aquilo que é propiciado no ato fundacional do sujeito no encontro inicial com a mãe. A primeira *ilusão* é que o bebê se identifica no reflexo dos olhos da mãe, e na imagem desse espelho ocular, se aprecia integrado. *Ilusão* de equilíbrio com a mãe, *ilusão* de que existe um vínculo que deixa fora o que é ameaçador. Eis aí outra acepção de *unheimliche*, a *inquietante extranheza*. Essa primeira *identificação* marcará qualquer jogo em que futuras identidades possíveis forem construídas.
4. O excesso de *certeza* também pode ser *traumático*. A *reprodução ampliada do social* supõe a multiplicação das redes *autorreferenciais*, onde o *mundo de vida* se consolida, deixando cada vez mais uma margem menor para a *diferença*. As margens do social perderam seu papel revolucionário, para converterem-se em fontes de reordenamento dos próprios *significantes*. A arte contemporânea aponta para esse excesso de objetos significantes, desaparecendo a materialidade da obra. A arte agora enuncia ou anuncia; entre o *conceptual* e o *performativo*, a obra procura deslocar os circuitos de trânsito do artístico e, dessa maneira, evidenciar que o *sujeito* atual se acha deslocado da produção de significados e colocado em fluxos de trânsito para o consumo de imagens *especulares*. *Transitando*, como se denomina esta Mesa, alude a essa condição, onde o sujeito deixou de habitar lugares de encontro, de comunhão com o outro, para residir em um círculo nesses espaços de consumo que Marc Augé chamou *não lugares*. A conjugação no presente contínuo de transitar pareceria aludir ao caráter de pesadelo do *agora*: um presente que continua sem cortes, sem pontos que permitam encerrar o enunciado e começar uma ideia diferente. A ordem social pareceria seguir o modelo da dança dos píxeis das telas *onipresentes*: supomos que esses pontos de cor têm uma imagem, porque nós preconcebemos a imagem que depois ordenamos com esses pontos: um círculo que expulsa a surpresa. Neste sentido, o *ominoso* pode ser entendido como exílio da *subjetividade*. Só posso aludir à minha consulta com respeito a seus pesadelos, e o inferno do mesmo assunto de sempre povoa a palavra dos *analisandos*.



5. A incerteza é um estado do traumático. O artista Luis Camnitzer declarou que "os artistas continuam produzindo arte de barriga cheia", em um mundo onde a fome é uma condição permanente. A aura de uma obra está ligada à sua raridade, raridade essa que depende de que a maioria não a possua: a arte repousa, então, na fome real e simbólica. Assim como existe uma pequena camada da sociedade presa nos *non lugares*, as maiorias silenciosas são expulsas à lógica da insignificância, cujo único valor é a sua capacidade de consumo como massa, e não a sua capacidade de demanda como indivíduo. Tal como é evidenciado na *teatralização* barroca de Teresa Margolles, da maneira em que a artista se impõe à matéria orgânica, o espectador descobre um exercício equivalente à forma em que o poder exerce a violência sobre os indivíduos. O Estado, como na época da guerra suja dos anos 70, usa os mesmos princípios que os grupos criminosos, para assegurar sua permanência: onde a *biopolítica* falha, aplica-se a *necropolítica*, para desfazer-se da população ameaçadora. Neste sentido, a covid não é uma “doença democrática”, o risco de contágio e morte se multiplica dependendo da classe social.
6. Mas, a incerteza é também uma possibilidade de abertura, eclosão de um novo paradigma. É possível, na utopia situacionista, romper o paradigma de controle, onde o pan-óptico está interiorizado. O fim das certezas supõe desfazer-se da tentação de construir uma folha de caminho que nos oriente, renunciar à possibilidade de um eixo que permita transitar pelo incerto e deixar-nos ir pelas possíveis novas formas do comunitário. Hoje, que já não existem *estruturas fortes*, existe uma nostalgia pelas identidades estáveis. É uma nova expressão da saudade *fusional* com uma mãe *ideal*. Estamos condenados a repetir *compulsivamente* o trauma de separação, enquanto a ficção desta busca não for reconhecida.



Bibliografía mínima

Augé, M. (1993). *Los no lugares: espacios del anonimato: antropología sobre modernidad*. Barcelona: Gedisa

Baudrillard, J. (1978). *Cultura y simulacro*. Madrid: Kairós.

Baudrillard, J. (1999). *Crítica de la economía política del signo*. México: Siglo XXI.

Baudrillard, J. (2007). *El complot del arte*. Buenos Aires: Amorrortu.

Beltrán, A. & Bertrán, M. (2012) El papel de los niños en las decisiones alimentarias de la comida cotidiana en México En CXIV Reunión de la Asociación de Investigación Pediátrica (pp. 116-124). México: Asociación de Investigación Pediátrica

Beltrán, A. (2016). *Embaixo da minha cama mora um monstro... construa narrativa e psicoanálise infantil*. Calibán, 14, Pp. 79-90.

Bion, W. (1970). *Attention and Interpretation*. London: Karnac.

Bion, W. (1989). *Elements of Psycho-Analysis*. London: Karnac.

Bion, W. (1991). *Memoir of the Future*. London: Karnac.

Butler, J., Laclau, E. & Žižek, S. (2000). *Contingencia, hegemonía, universalidad. Diálogos contemporáneos en la izquierda*. Buenos Aires: FCE.

Butler, J. (2001): *Mecanismos psíquicos del poder. Teorías de la sujeción*. Madrid: Ediciones Cátedra.

Deleuze, G. (2015). *La subjetivación*. Buenos Aires: Cactus.

Egenfeldt-Nielsen, Fin. (2010). *Attention and creation growth in the vertices of W.R.* Bion. Karnac.

Ferro, Antonino. 2002. *Some Implications of Bion's Thought. The Waking Dream and Narrative Derivatives*. *International journal of Psychoanalysis* 83: 597-607.

Foster, H. (2001). *El retorno de lo real*. Madrid: Akal.

Foucault, M. (1999). *Estética, ética y hermenéutica*. Buenos Aires: Paidós.

Foucault, M. (2005). *Un inédito: ¿Qué es la Ilustración? (Presentación de Antonio Campillo)*. *Daimon Revista Internacional De Filosofía*, (7), 5-18



- Foucault, M. (2007). *Nacimiento de la biopolítica*. México: FCE.
- Freud, S. (2013). Manuscrito inédito del capítulo VII de *Más allá del principio de placer*. En *Clínica, pulsión, escritura* (pp. 187-208). Buenos Aires: Territorios.
- Freud, S. (2014). *Das Unheimliche*, manuscrito inédito. Buenos Aires: Mármol Izquierdo.
- Freud, S. (1984). *Más allá del principio del placer*. En *Obras completas 18*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Habermas, J. (1987). *Teoría de la acción comunicativa I*. Madrid: Taurus.
- Habermas, J. (1987). *Teoría de la acción comunicativa II*. Madrid: Taurus.
- Harris, Meg. (2010). *The aesthetic development. The poetic spirit of psychoanalysis: essays on Bion*. London: Karnac.
- Kirshner, L. (2011). *Between Winnicott and Lacan: A Clinical Engagement*. Londres: Routledge.
- Klimkiewicz, L. (2014). Sobre la palabra *Unheimliche*. En *Das Unheimliche*, manuscrito inédito (pp. 25-29). Buenos Aires: Mármol Izquierdo.
- Klimkiewicz, L. (2014). *Das Unheimliche*, Freud en la cultura. En *Das Unheimliche*, manuscrito inédito (pp. 167-187). Buenos Aires: Mármol Izquierdo.
- Lacan, J. (1984). *El seminario, Libro III*. Buenos Aires: Paidós.
- Lacan, J. (2006). *El seminario, Libro X*. Buenos Aires: Paidós.
- Lippard, L. (2004). *Seis años: la desmaterialización del objeto artístico de 1966 a 1972*. Madrid: Akal.
- Marcuse, H. (1993). *El hombre unidimensional*, México: Planeta-Agostini
- Meltzer, Donald & Harris, Meg. (2008). *The Apprehension of Beauty. The Role of Aesthetic Conflict in Development, Art and Violence*. London: Karnac.
- Mbembe, A. (2011). *Necropolítica*. Barcelona: Melusina
- Sandler, P. (2015). *An Introduction to a Memoir of the Future*. Londres: Karnac.
- Stern, D. (1977). *The First Relationship*. Cambridge: Harvard University Press.



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



Stern, D. (2005). El mundo interpersonal del Infante. Buenos Aires: Paidós.

Winnicott, D.W (1993). Los procesos de maduración y el ambiente facilitador, Buenos Aires: Paidós.

Winnicott, D.W. (1979). Escritos de pediatría y psicoanálisis, Buenos Aires: Paidós.

Winnicott, D.W. (2008). Realidad y juego. Barcelona: Gedisa.

Winnicott, D.W(2004) Exploraciones psicoanalíticas I, Buenos Aires: Paidós

Žižek, S. (2006). Visión de paralaje. Buenos Aires: FCE.